

Um banquete para Diotima – apresentação à tradução

Ana Amélia Costa¹

Ana Miriam Wuensch²

Joana Tolentino³

Recebido em: 15/03/2019

Aceito em: 03/04/2019

O trabalho de tradução de Ana Amélia Costa sobre o texto *Diotime de Mantinée*, um artigo do livro de Clara Britto da Rocha Acker, intitulado *Femmes, Fêtes et Philosophie en Grèce Ancienne*⁴, é oportuno e relevante para nós. Oportuno porque permite o acesso, em português, de mais um texto desta pesquisadora brasileira de Filosofia Antiga, dedicada a investigar as relações entre Filosofia e Religião, especialmente a origem religiosa (dionisiaca) de algumas teorias filosóficas, como a teoria do *Eros* e a *maïeutica*, em Sócrates. Sua formação filosófica, da graduação ao doutorado, assim como a sua participação no *Centre Léon Robin sur la Pensée Antique* - Paris IV/Sorbonne (nos anos de 1993 a 1996), abrange História da Filosofia, Filosofia Antiga, Ética e Filosofia da Religião. É relevante contar com mais este artigo de Clara Acker em português (outro artigo é *Dioniso, Diotima, Sócrates e a Erososofia*⁵), enquanto esperamos que também os seus livros sejam traduzidos.

A publicação da tradução desse artigo de *Diotima de Mantinée* permite que um círculo de leitores brasileiros interessados no tema – desde estudantes em formação, professores e pesquisadores especializados, até um público mais amplo amante da filosofia – conheça algumas teses mais recentes acerca das filósofas, ao longo da História da Filosofia, que não constam nos melhores manuais ou livros didáticos recorrentes. Como destaca a autora em seu artigo, existem obras de referência sobre as filósofas, como o monumental catálogo de fontes *A History of Women Philosophers*⁶ (organizado por Mary Ellen Waithe, na década de 1980), que ainda não foram traduzidas para o português.

- 1 Professora de Filosofia, mestre e doutora em Literatura Comparada, contemplada com a bolsa Faperj, Programa Pós-Doutorado Nota 10 - 2017.
- 2 Professora do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília. Estuda história da filosofia contemporânea, especialmente o pensamento das filósofas Hannah Arendt, Maria Zambrano e Simone de Beauvoir, investigando suas possíveis contribuições para histórias da filosofia com mulheres, do Norte e do Sul. Tem interesse nas relações entre filosofia, política, educação e literatura; pergunta pelas mulheres e crianças como *sujeitos* e como *objetos* da filosofia.
- 3 Professora do Departamento de Filosofia do Colégio Pedro II, membra do grupo de pesquisas CORPODER – Filosofias decoloniais: corpos, poderes e saberes e dos GTs da ANPOF: Filosofar e Ensinar a Filosofar e Filosofia da Libertação, Latino-Americana e Africana. Pesquisa ensino de filosofia e a produção filosófica das mulheres, com foco nas epistemologias do sul.
- 4 Paris: L'Harmattan, 2013.
- 5 Revista Aisthe Online, v. 3, p. 27-43, 2010.
- 6 WAITHE, Mary Ellen. *A History of Women Philosophers*, vol. 1. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1987.

O trabalho de tradução como crítica filosófica permite executar, mal comparando, aquilo que Clara Acker define como o “terceiro incluído”, cuja simbologia maior seria a criança dentro do ventre materno. Mais do que o conhecimento de ao menos dois idiomas, é preciso que o tradutor, ou a tradutora, funcione em parceria com o autor, ou autora, produzindo uma autorreflexão, de ambas as partes, no processo (inclusivo) de “geração/gener-ação” daquele texto que não é mais o original, nem é mais qualquer outro traduzido: é um terceiro, referenciado e subjetivado.

Assim sendo, o que se produz textualmente quando se escreve? O que se traduz quando se traduz? O que se publica quando se publica? Não são questões tão inocentes quanto aparentam. A trajetória do artigo em português aqui produzido está inserida naquilo que podemos conceituar como “espaço biográfico do texto”, esgarçando o conceito forjado pela pesquisadora em Estudos Culturais argentina Leonor Arfuch⁷. Escrito originalmente em francês por Clara Acker, o texto foi citado durante o mini-curso “Filósofas em Ação: desconstruindo preconceitos e criando mundos”, proporcionado pelos departamentos de Filosofia do Colégio Pedro II, CEFET-RJ e Unirio (2018), tendo na organização Joana Tolentino e cuja palestrante foi Ana Miriam Wuensch. A tradução de Ana Amélia Costa, resultado de todo esse movimento, é o rompimento das paredes de um evento cujo título não poderia ser mais preciso: aqui estão filósofas em ação.

O texto agora traduzido permite comparar e perceber uma continuidade entre os textos da autora de 2010 e 2013, bem como uma ampliação dos elementos reunidos pela pesquisadora em torno da ideia e da prática da *Erosophia*, segundo Diotima, no alvorecer da Filosofia Ocidental. Oportuno e relevante é pensar a personagem Diotima, que aparece em diálogo com Sócrates na obra *O banquete*, uma das peças literárias mais populares de Platão, como uma personagem histórica. Clara Acker apresenta suas questões orientadoras e os problemas a serem investigados, desenvolvendo argumentos em busca de uma biografia para Diotima, afirmando a sua existência histórica e a sua influência teórica sobre a filosofia socrática. Ela o faz a partir de correlações literárias e evidências históricas que, todavia, precisam ser resgatadas daquele solo acadêmico comum que pavimentou certezas acerca de sua inexistência ou irrelevância para o cânone filosófico. Para a pesquisadora, trata-se de “refutar os argumentos daqueles que negam a existência da professora de Sócrates”. Cabe aqui suspeitar da tese filosófica na qual “Diotima seja uma criação ou, ainda, uma máscara de Sócrates ou de Platão”.

Na trilha de outros estudiosos do tema, a autora reúne evidências documentais para a hipótese de trabalho que reconhece a mestra de Sócrates como filósofa: “a ideia de que *Eros* é um *daimon* e um filósofo parece ser a contribuição pessoal de Diotima à Filosofia”, afirma ela em seu texto. Mais adiante, lemos que a sacerdotisa de Manteneia é “uma autêntica filósofa, situada na origem de todo o saber socrático”. Uma filósofa pré-socrática, se considerarmos a periodização vigente na História da Filosofia. “Podemos classificar Diotima como uma filósofa pré-socrática?”, pergunta Clara Acker em seu artigo. E responde: “Esse parece ser o caso, já que ela fala de *Eros* como uma entidade que abraça toda a *Physis*”, identificando Diotima com as características inerentes ao recorte histórico deste período.

O (negado) lugar de Diotima na História da Filosofia ocidental tem sua importância comprovada através do artigo de Clara Acker. Por via desta que está “situada na origem de todo saber socrático e, assim sendo, na raiz de toda a Filosofia ocidental”, existe um questionamento-denúncia sobre o epistemicídio das mulheres filósofas na construção do cânone filosófico ocidental. A concepção feminina do Amor como “legado de Diotima a Sócrates” faz com que a própria designação de “teoria platônica do Amor” seja passível de resignificação, outros mundos e possibilidades se abrem. Em efeito cascata, o que Clara Acker nos oferta é, justamente, uma tradução do *Banquete*. E aqui marcamos o conceito de tradução como revelação⁸.

Para um autor/tradutor, assim como para um tradutor/autor, é preciso primeiro compreender, para só depois dizer. É exatamente essa a trajetória confessada por Sócrates no que diz respeito a *Eros*, como evoca

7 ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

8 Sobre o assunto, conferir: BENJAMIN, Walter. “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem”. In: *Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2013.

Clara Acker: a *mestra* de Sócrates sobre o Amor foi Diotima, nas palavras do próprio filósofo. Não fazia também ele uma tradução dos ensinamentos de sua professora de *Erosófia*? Ensinamentos que, posteriormente, foram submetidos à interpretação de Platão? Todas essas questões provocam o/a leitor/a a voltar aos textos “sacralizados” pela tradição, agora com a percepção crítica da construção de um discurso privilegiado da “verdade” e do “real”.

Vale registrar, embora tangencialmente, que o problema da existência histórica de Diotima, analisado nos dois textos citados de Clara Acker, nos faz pensar em outras pensadoras antigas, como é o caso de Safo de Lesbos, cuja existência histórica e permanência de suas obras não é problema. Todavia, Safo continua sendo esquecida, apagada, invisibilizada nas coletâneas ou trabalhos de formação filosófica brasileira em torno da obra poética da filosofia pré-socrática⁹.

Por um lado, o *nosso* problema parece consistir em um círculo vicioso: sem acesso às obras das pesquisas realizadas por mulheres na História da Filosofia, permanecemos reproduzindo o cânone de uma Filosofia *sem* filósofas (ou sustentando pontuais *exceções*). Nesse contexto, vale frisar que a tradução de obras de referência *com e sobre* filósofas torna-se um gesto político necessário, assim como a publicação de materiais reunidos em pesquisas filosóficas nacionais por este prisma. Vale lembrar que também precisamos *nos* traduzir. É o caso, por exemplo, da pensadora e educadora brasileira do século XIX, Nísia Floresta¹⁰, na medida em que parte de sua obra permanece em italiano e francês, sem tradução para o português, sua língua materna.

Estruturalmente, pouca reflexão dedicamos às escritoras brasileiras em nossa história recente ou ancestral – sejam elas filósofas, cientistas, artistas, educadoras. Talvez seja o caso de pensá-lo como um problema cultural colonial que nos vincula, até a contemporaneidade, do norte ao sul da civilização ocidental, ressaltadas as específicas realidades históricas de cada contexto, incluindo aí o nosso. O epistemicídio das mulheres na historiografia dos saberes e obras produzidas pela humanidade – sejam filosóficas, científicas ou artísticas – configura-se como um marco patriarcal europeu (ainda que não exclusivamente), que se aprofunda a partir da modernidade. Via processos de colonização, instituiu-se mundo afora (ou aprofundou-se?) o processo de desontologização de muitas corporalidades, dentre as quais as mulheres foram um dos alvos principais. Seu epistemicídio, com o silenciamento (via desqualificação ou invisibilização) de suas obras, contou muitas vezes também com o aniquilamento de suas trajetórias, de suas próprias histórias de vida – como é o caso da professora de Sócrates, Diotima de Mantinéia.

Assim, traduzir e publicar textos de filósofas (de pensadoras, em geral), de diferentes períodos históricos, torna-se tarefa imperativa no processo de descolonização da filosofia, no caminho da superação da violência do seu cânone. Desse modo, poderemos dar um passo no caminho da reparação histórica que visa restituir o lugar das mulheres, em seus mais variados processos de subjetivação, na história da filosofia, como parcela significativa da história pública que nos é comum, através da recuperação das marcas da produção das mulheres nas historiografias ocidentais. Há sinais de um movimento acadêmico brasileiro de profissionais da filosofia na direção do resgate de pensadoras, no plural, como se pode verificar na oportunidade da criação do GT *Filosofia e Gênero* na ANPOF (2016) e pelos eventos nacionais *Vozes femininas na filosofia* (2017) e *Vozes: mulheres na filosofia* (2018).

O presente artigo avança nas teses acadêmicas relativas às questões de gênero que envolvem a presença das filósofas no interior da pesquisa histórica da Filosofia Antiga, na contramão do hábito pouco virtuoso da prática de “uma História da Filosofia que não pode ou que não quer ver uma mulher na origem”. Esta é uma lição que precisamos (re) aprender a ver e a escutar, no passado e no presente de nossa atividade filosófica. A fortuna crítica do *Banquete*, de Platão, ganha, com o estudo de Clara Acker sobre Diotima de Mantineia, um texto incontornável no esforço de recuperar a presença feminina na História da Filosofia. Que outras traduções sejam feitas para que leitoras de outras línguas ganhem a mesma oportunidade de

9 SAFO de LESBOS. *Poemas e Fragmentos*. Tradução Joaquim Brasil Fontes. São Paulo: Iluminuras, 2003.

10 FLORESTA, Nísia. *Opúsculo humanitário*. Introdução e notas de Peggy Sharpe-Valadares. São Paulo: Cortez; Brasília: INEP, 1989; AUGUSTA, Nísia Floresta Brasileira. *Fragmentos de uma obra inédita. Notas biográficas*. Tradução Nathalie Bernardo da Câmara. Brasília: Ed. UnB, 2001.

entrar em contato com existências históricas que, silenciadas, tornam “esquecimento” o que sequer pode ser inclusão. Lição de Diótima de Manteneia e de Clara Acker. Uma boa oportunidade para reler *O banquete*, na companhia das filósofas.

Referências bibliográficas

ACKER, Clara. *Femmes, Fêtes et Philosophie en Grèce Ancienne*. Paris: L'Harmattan, 2013.

_____. Dioniso, Diótima, Sócrates e a Erosófia. *Revista Aisthe* online, v. 3, p. 27-43, 2010.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

AUGUSTA, Nísia Floresta Brasileira. *Fragmentos de uma obra inédita*. Notas biográficas. Tradução Nathalie Bernardo da Câmara. Brasília: Ed. UnB, 2001.

BENJAMIN, Walter. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem. In: _____. *Escritos sobre mito e linguagem* (1915-1921). São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2013.

FLORESTA, Nísia. *Opúsculo humanitário*. Introdução e notas de Peggy Sharpe-Valadares. São Paulo: Cortez; Brasília: INEP, 1989.

WAITHE, Mary Ellen. *A History of Women Philosophers*, vol. 1. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1987.

SAFO DE LESBOS. *Poemas e Fragmentos*. Tradução Joaquim Brasil Fontes. São Paulo: Iluminuras, 2003.